

CONHECIMENTO DE ADULTOS JOVENS SOBRE A PREVENÇÃO, TRANSMISSÃO E TRATAMENTO DO HIV/AIDS

KNOWLEDGE OF YOUNG ADULTS ON THE PREVENTION, TRANSMISSION AND TREATMENT OF HIV / AIDS

Thiago Alves MENDES^{1*}
Silvia Jaqueline P. de SOUZA²
Robson STIGAR³
Ligia Moura BURCI⁴

RESUMO

A infecção pelo vírus da imunodeficiência humana (HIV) ainda é um problema sério de saúde, pois desde a sua pandemia na década de 80 vem apresentando altos índices de infectados. Atualmente não afeta somente um grupo de risco, como no seu surgimento quando os homossexuais eram os mais infectados. Hoje observamos um alto índice de mulheres infectadas, sendo elas as que menos se protegem em relações sexuais. Os jovens vêm mostrando um conhecimento insuficiente sobre o HIV, devido a isso estão se protegendo menos em relações sexuais e assim se contaminando mais. **Objetivo:** considerar o conhecimento dos jovens e adultos jovens sobre meios de prevenção, transmissão e tratamento ao HIV/AIDS. **Método:** utilizado revisão integrativa da literatura científica utilizando das etapas metodológicas de Cooper⁹. Sendo analisados 22 artigos dos 82 resultantes da pesquisa com os descritores HIV e AIDS e jovens. **Resultados:** a partir dos estudos analisados verificou-se um conhecimento insuficiente dos jovens, principalmente dos indivíduos com baixa renda e menos escolarizados em relação a infecção ao HIV. **Conclusão:** Programas educacionais, oficinas preventivas em escolas e serviços municipais de saúde, roda de conversa são métodos importante de aproximação com esta população para levar o conhecimento e precisam acontecer continuamente afim de que possamos contornar tal falta de conhecimento.

PALAVRAS-CHAVE: HIV, AIDS, jovens.

ABSTRACT

Infection with the human immunodeficiency virus (HIV) is still a serious health problem, since its pandemic in the 1980s has been showing high rates of infection. Currently it does not affect only one risk group, as in its emergence when homosexuals were the most infected. Today we observe a high index of infected women, who are the least protected in sexual relations. Young people have been showing insufficient knowledge about HIV because of this they are less protecting themselves in sexual relations and thus becoming more contaminated. **Objective:** Consider the knowledge of young people and young adults about ways of preventing, transmitting and treating HIV / AIDS. **Method:** Using an integrative review of the scientific literature using Cooper's methodological steps⁹. A total of 22 articles out of 82 resulting from the research with the descriptors HIV and AIDS and young people were analyzed. **Results:** From the studies analyzed there was an insufficient knowledge of the young people, mainly of the individuals with low income and less educated in relation to HIV infection. **Conclusion:** Educational programs, preventive workshops in schools and municipal health services, talk wheel are important methods of approach with this population to bring knowledge and need to happen continuously in order to overcome this lack of knowledge.

KEYWORDS: HIV, AIDS, young.

¹ Acadêmico do Curso de Bacharelado em Enfermagem da Faculdade Herrero. E-mail: thimendes25@gmail.com

² Coordenadora do Curso de Enfermagem da Faculdade Herrero.

³ Doutorando e Mestre em Ciência da Religião pela PUCSP, Professor da Faculdade Herrero.

⁴ Farmacêutica Bioquímica, Mestre em Farmacologia, professora na Faculdade Herrero.

1. INTRODUÇÃO

A Síndrome da Imunodeficiência Adquirida (SIDA; AIDS) pode ser considerada uma pandemia desde os primórdios da década de 1980 até os dias de hoje. A síndrome ocorre em consequência da exposição sexual, transfusões sanguíneas e uso de drogas injetáveis como resultado do estágio avançado da infecção causada pelo vírus da imunodeficiência humana (HIV), dos tipos HIV-1 e HIV-2, com diversos subtipos, os quais se replicam, sobretudo em células do sistema imunológico portadores dos receptores CD4 e correceptores CXCR4 e CCR5, tais como linfócitos T, macrófagos e células dendríticas^{1,2}.

Segundo o Boletim Epidemiológico do Ministério da Saúde, de 1981 até 06/2015 no Brasil registraram 798.366 casos registrados de AIDS. Do ponto de vista epidemiológico, a prevalência é maior em indivíduos do sexo masculino, porém, numa faixa etária entre os 13-19 anos, a infecção é prevalente em mulheres, embora atualmente a incidência de homens infectados com o HIV nesta faixa venha se elevando. Em 2011, havia 1,7 homens infectados para cada 1 mulher, segundo o Boletim Epidemiológico do Ministério da Saúde, publicado em dezembro do ano de 2015, a quantidade de homens infectados ainda é maior do que em mulheres, desconsiderando o fator de opção sexual, as mulheres heterossexuais são as mais infectadas, sendo a via sexual o principal meio de transmissão^{3,4}.

No município de Curitiba a taxa de detecção de HIV/AIDS por 100 mil habitantes dobrou de 2003 para 2013 para homens na faixa etária de 20 a 29 anos.

A forma de transmissão do HIV via sexual prevalece entre os maiores de 13 anos de idade. Desde 1984, em mulheres, foram registrados 80,4% dos casos de AIDS através de relações heterossexuais. Entre homens, o número foi de 65,9% infectados decorrentes de relações sexuais desprotegidas, sendo 28,8% por relação heterossexual, 26,3% por relações homossexuais e 10,8% em relação bissexual. Outros meios de transmissão ocorreram provenientes de transfusão sanguínea e por transmissão vertical. Nos últimos anos, a forma de transmissão em mulheres continua próxima a 80% em relação heterossexual, em homens por relação homossexual corresponde por mais de 40% dos casos detectados⁵.

Em relação à informação sobre a prevenção e o tratamento da AIDS, os pesquisados com mais de 60 anos e os com escolaridade mais baixa estão entre os que possuem menos conhecimento sobre o assunto. Segundo Garcia⁽⁶⁾, mesmo em relação aos jovens escolarizados é notória a desinformação, pois informações errôneas sobre o assunto são repassadas nas instituições de ensino e assim replicadas a terceiros, fato mencionado por um jovem professor de ensino médio, o qual apresentou que as pessoas possuem o “HIV congênito”, onde umas desenvolvem e outras não, esta informação foi repassada a ele em um treinamento para docentes da rede pública, e assim ele repassa a seus alunos.

A população vem se protegendo menos com preservativo em suas relações sexuais, fazendo assim então com que o número de casos de infecção aumente, segundo Maia onde mostrou em sua pesquisa que os pesquisados em relações com parceiros fixos citam não usar preservativos, pois “a confiança é a base” do relacionamento e seria uma forma de falta de confiança exigir do parceiro o uso, uma minoria cita não usar mesmo em relações extraconjugais. Outros casos dizem não usar, pois utilizam outros métodos contraceptivos, ignorando a contaminação pelo vírus do HIV e protegendo-se apenas da gravidez indesejada⁷.

Um estudo realizado na Universidade de São Paulo (USP) mostrou o conhecimento que os jovens têm sobre o HIV, e suas formas de transmissão, dentre os pesquisados mais de 90% têm relação sexual ativa, porém o costume de usar preservativo não é comum, principalmente na relação anal e oral, pois mais de 50% dos jovens não se previnem nesta prática⁽⁸⁾. Tendo em vista ao elevado índice de jovens contaminados pelo HIV, o objetivo desta pesquisa foi realizar uma revisão de literatura para então analisar o conhecimento de adultos e jovens em relação ao HIV/AIDS e sobre medidas de prevenção.

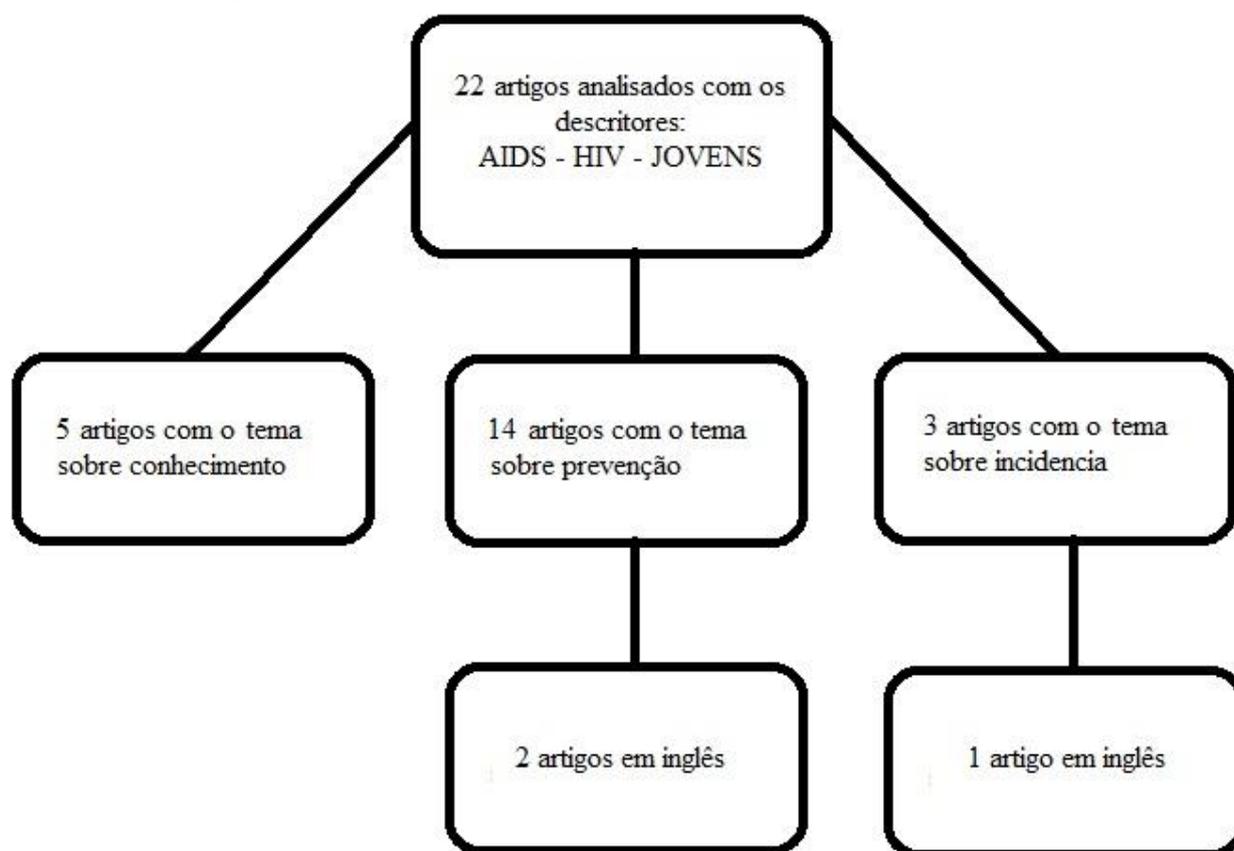
2. METODOLOGIA

Para realizarmos a análise do conhecimento dos jovens a respeito do HIV/AIDS tanto quanto a prevenção a patogênese da infecção pelo HIV empregamos o método de revisão integrativa da literatura científica. Para composição empregou-se as seguintes etapas metodológicas segundo Cooper⁹: seleção da questão para revisão; 2) estabelecimento de critérios para seleção da amostra; 3) apresentação das características da pesquisa primária; 4) análise dos dados; 5) interpretação dos resultados; e 6) apresentação da revisão.

Foram elencados os descritores HIV, AIDS e JOVENS, resultaram desta busca 82 artigos, 60 não abordavam o tema proposto, 22 estavam de acordo com tema, os quais foram lidos na íntegra e analisados. Os critérios para a inclusão dos artigos constituíram: a) artigos indexados na base de dados virtuais SCIELO; b) disponíveis gratuitamente e *online* para consultas; c) tratar do assunto sobre o conhecimento dos jovens e jovens adultos em relação ao HIV/AIDS. O critério de exclusão foi artigos repetidos, não disponíveis *online* e os que não tratavam do assunto analisado. O ano de publicação dos artigos não teve relevância para critérios de inclusão ou exclusão.

Para esta pesquisa, foi levantada a questão norteadora: Qual o nível de conhecimento dos adultos jovens sobre o HIV/AIDS?

QUADRO 1 – Fluxograma da pesquisa



Observa-se o quadro 1 com o fluxograma da análise dos artigos, mostrando os 22 artigos selecionados, destes 5 artigos falavam sobre o conhecimento dos jovens; 14 tratavam sobre o conhecimento em relação a prevenção, sendo 2 em inglês; 3 artigos tinham relação com a incidência, sendo 1 deste em inglês.

3. ANÁLISE E DISCUSSÃO DOS RESULTADOS

QUADRO 2 – Conhecimento sobre a infecção e prevenção ao HIV

TÍTULO	AUTORES/ IDIOMA/ANO	METODOLOGIA
1 Nível de conhecimento e percepção de risco da população brasileira sobre o HIV/AIDS, 1998 e 2005	Ferreira, 2008 Português	Utilizou-se um indicador sintético composto de nove questões sobre níveis de conhecimento e percepção de risco.
2 O conhecimento sobre AIDS de homens idosos e adultos jovens: um estudo sobre a percepção desta doença	Melo <i>et al</i> , 2012 Português	Estudo epidemiológico, descritivo, de corte transversal com entrevista estruturada baseada em questionário
3 Concepção de jovens sobre o HIV/AIDS e o uso de preservativo nas relações sexuais	Almeida <i>et al</i> , 2014 Português	Pesquisa de natureza qualitativa, O material empírico obtido foi analisado com base na Técnica de Análise de Conteúdo categorial.
4 Opiniões de jovens universitários sobre pessoas com HIV/AIDS: um estudo exploratório preconceito	Seidl; Ribeiro,; Galinkin, 2010 Português	Trata-se de estudo de corte transversal, descritivo e exploratório. A coleta de dados baseou-se em resposta a questionário autoaplicável elaborado para o estudo, com 31 questões abertas e fechadas.
5 Uso do preservativo: tendências entre 1998 e 2005 na população brasileira	Berquó <i>et al</i> , 2008 Português	Amostragem por corte transversal com entrevista estruturada baseada em questionário.
6 Diferença na prevenção da AIDS entre homens e mulheres jovens de escola pública em São Paulo, SP	Antunes, 2002 Português	Estudo longitudinal de intervenção. Para a análise estatística, foram empregados os testes qui-quadrado de Pearson e a análise de co-variância.
7 Comportamento e prática de homens que fazem sexo com homens	Lima. 2014 Português	Tratou-se de um estudo transversal do tipo exploratório descritivo.
8 Fatores associados à infecção pelo HIV/AIDS entre adolescentes e adultos jovens matriculados em centro de testagem e aconselhamento no estado da Bahia, Brasil	Pereira <i>et al</i> , 2013, Português	Estudo observacional, com delineamento transversal
9 Pregnancy rates and predictors in women with HIV/AIDS in Rio de Janeiro, southeastern Brazil	Friedman <i>et al</i> , 2011 Português	Estudo prospectivo de corte.
10 Prostituição juvenil feminina e a prevenção da AIDS em Ribeirão Preto, SP	Simon; Silva; Paiva, .2002 Português	Entrevista por meio de um roteiro semi-estruturado
11 Uso de <i>condom</i> feminino por mulheres infectadas pelo HIV	Magalhães; Rossi; Amaral, 2003 Português	Foi realizado estudo clínico descritivo prospectivo, associado a estudo de conhecimento, atitude e prática.
12 Use of a condom in sex relation by HIV carriers	Galvão; Machado, 2001 Inglês	Estudo baseado em entrevistas estruturadas.
13 Masculinidade hegemônica, vulnerabilidade e prevenção ao HIV/AIDS	Junior; Gomes; Nascimento, 2012 Português	Acervo de narrativas produzidas pela pesquisa de cunho qualitativo.

14	Uso de serviços públicos de saúde para DST/HIV/AIDS por comunidades remanescentes de Quilombos no Brasil	Silva; Lima; Hamann, 2010 Português	Foi realizada uma pesquisa qualiquantitativa que compreende um componente epidemiológico do tipo transversal e um componente qualitativo.
15	Tendência da epidemia de casos de AIDS no sul do Brasil no período de 1986 a 2008	Lazarini <i>et al</i> , 2012 Português	Estudo ecológico descritivo, retrospectivo, com abordagem quantitativa.
16	Clinical and epidemiological analysis of patients with HIV/AIDS admitted to a reference hospital in the northeast region of Brazil	Soares <i>et al</i> , 2008 Inglês	Estudo retrospectivo com análise as características clínicas e epidemiológicas dos pacientes com HIV/AIDS internados em uma instituição de saúde.
17	Sobre a experiência sexual dos jovens	Villela; Doreto, 2006 Português	
18	Alguns aspectos do comportamento sexual e pratica de sexo seguro em homens do município de São Paulo	Vieira <i>et al</i> , 2000 Português	O estudo incluiu a coleta de dados qualitativos e quantitativos. O componente quantitativo consistiu da aplicação de um questionário.
19	AIDS, drogas, risco e significados: uma construção sociocultural	Paulilo; Jeolas, 2005 Português	A coleta de dados foi realizada por meio da aplicação de um questionário com questões fechadas e abertas. As respostas às questões fechadas levantaram dados quantitativos.
20	Vulnerabilidade ao HIV em favela do Rio de Janeiro: impacto de uma intervenção territorial	Edmundo <i>et al</i> , 2007 Português	Entrevistas semi-estruturadas, os dados foram codificados e inseridos em banco de dados utilizando o programa "Atlas ti".
21	Fatores determinantes de conhecimento, atitudes e praticas em DST/AIDS e hepatites virais, entre jovens de 18 a 29 anos, no Brasil	Fontes, 2017 Português	Foram utilizadas duas abordagens de análise estatística: exploratória e explanatória.
22	Corrigir, prevenir, fazer corpo: a circuncisão masculina como estratégia de prevenção do HIV/AIDS e as intervenções cirúrgicas em crianças intersex	Knauth; Machado, 2013 Português	A reflexão desenvolvida no presente artigo resulta da análise de documentos médicos publicados sobre o tema.

O conhecimento dos jovens e adultos na faixa entre 16 e 65 anos, sobre o HIV/AIDS aumentou em dez anos (1998 – 2008), conforme se observa na pesquisa de Ferreira⁹, “Nível de conhecimento e percepção de risco da população brasileira sobre o HIV/Aids, 1998 e 2005”. Segundo Garcia⁽⁶⁾ com o passar dos anos as informações sobre o assunto ficaram mais acessíveis, porém muitas vezes repassadas de forma errônea, os jovens ainda estão desinformados sobre tal assunto, e os mais desinformados são os indivíduos com mais de 60 anos de idade e os que possuem um menor grau de escolaridade. Sendo confirmados por Melo¹⁰ os resultados nos mostram os indivíduos com mais de 60 anos e os com menor escolaridade são os que possuem menos informação sobre o HIV/AIDS.

Alguns jovens relacionam o conhecimento do HIV/AIDS com tristeza, sofrimento e morte, veem a vida do portador do HIV sem expectativa, e culpam os homens por transmitirem a doença para suas parceiras, sendo esses mais “safados”, como citado em uma pesquisa realizada por Almeida¹¹. Para Seidl¹² muitos também desconhecem os direitos dos indivíduos soropositivo ao HIV, principalmente no âmbito profissional dos portadores quanto ao direito de sigilo do diagnóstico da

infecção. O paciente tem o direito de sigilo sobre o diagnóstico e pode optar por não realizar o teste na admissão ou então não ter o resultado apresentado a empresa, pois esta não pode deixar de contratar o profissional por tal diagnóstico. Seus direitos são os mesmos que todos os indivíduos, segundo dados do departamento de DST, AIDS e Hepatites Virais do Governo Federal¹³.

Em várias pesquisas realizadas sobre o conhecimento do HIV/AIDS, é nos mostrado o mesmo resultado, o conhecimento insuficiente e as dúvidas frequentes. Na pesquisa “Fatores determinantes de conhecimentos, atitudes e práticas em DST/Aids e hepatites virais, entre jovens de 18 a 29 anos, no Brasil” de Fontes¹⁴ identificamos que uma parte dos jovens ainda acredita que o vírus do HIV pode ser transmitido pela saliva, quase a metade dos jovens entrevistados dizem achar que a camisinha não é a maior forma de prevenção e julgam dizer que em um relacionamento fixo não há necessidade de utilizar preservativo, e ficariam insatisfeitos se o (a) parceiro (a) pedissem para fazer o uso da camisinha na relação.

Em uma pesquisa sobre meios de prevenção ao HIV, de Knauth¹⁵, pode-se observar a concordância quando se diz que o preservativo masculino não é tão seguro como se diz em outras pesquisas. Knauth mostra um estudo como a circuncisão pode ser uma forma de prevenção mais eficaz do que o preservativo masculino e capaz de diminuir em 2 milhões de novos casos de infectados nos próximos anos.

Ainda abordando o conhecimento sobre tal assunto, concorda-se com Villela¹⁶ que mostra que os jovens menos escolarizados e os que possuem uma renda financeira menor são os que mais desconhecem sobre o assunto HIV/AIDS, mesmo com programas de prevenção do Ministério da Saúde, o uso de preservativo por estes jovens vulneráveis geralmente não ocorre, acredita-se que o maior meio de conseguir a conscientização dos jovens sobre o conhecimento adequado e preventivo é a conversa, tanto na família sobre sexualidade quanto na comunidade escolar, com professores. Mas como já citado na pesquisa de Garcia⁶ em “Vulnerabilidades ao HIV/aids no Contexto Brasileiro: iniquidades de gênero, raça e geração”, estas informações errôneas são repassadas de profissionais ou indivíduos com mais idades, portanto seria necessário um treinamento adequado aos professores e então assim repassados aos jovens.

Em contraponto, Vieira¹⁷ aponta o alto conhecimento dos jovens, porém concorda que os mais informados são os de nível de escolaridade mais alto, e sobre o uso de proteção no ato sexual, estes mesmos que mostram conhecimento dizem não utilizar preservativo nas relações sexuais, dizem ter baixo risco de se contaminar com o HIV com a justificativa de ter parceiro fixo ou então que confiam no parceiro.

Um estudo realizado por Edmundo¹⁸ com jovens em uma favela do Rio de Janeiro mostra que apesar da vulnerabilidade dos jovens com uma renda inferior, com projetos na comunidade pode-se contornar e lidar com este problema, mudando a realidade. A pesquisa mostrou que a falta de privacidade é um sério problema de prevenção ao HIV, esta falta de privacidade gera mais exposição ao sexo e um elevado número de violência sexual, este disseminando o HIV. Observou-se também, que há uma grande procura dos jovens em querer saber mais sobre o assunto e sobre uma relação segura, sentem falta de projetos dinâmicos nas comunidades promovendo a prevenção.

Maia⁷ e Caetano⁸ mostram-nos que os jovens que não usam preservativos em relações sexuais fixas, extraconjugal ou relações eventuais, em todas as suas formas (anal, oral ou vaginal), são os com parceiros fixos, este número é maior do que os jovens que se protegem, independente da orientação sexual. Tal resultado corrobora com a pesquisa de Berquo¹⁹ que demonstra que os jovens não se protegem em relações sexuais com parceiros (as) fixas, a maioria dos analisados relatam usar preservativo somente em relações eventuais, sem parceiros fixos. O mesmo apresenta que os homens costumam se proteger com mais frequência do que as mulheres em suas relações sexuais, pois as mulheres julgam-se mais submissas aos homens na prática sexual. Em uma pesquisa comparando a diferença de prevenção entre os homens e as mulheres sobre o HIV, Antunes²⁰ demonstra que os homens mantem-se mais ativos sexualmente do que as mulheres e também fazem o uso da camisinha com mais regularidade do que elas.

As mulheres demonstram mais confiança em seus parceiros, justificando assim a sua não proteção na relação sexual, existindo, desta forma, maior prevalência de mulheres heterossexuais infectadas pelo HIV. Dados significativos e preocupantes ao Ministério da Saúde, pois o mesmo tende aumentar, segundo Pereira²¹. Outra justificativa das mulheres encontrada por Friedman⁽³¹⁾ para o não uso do preservativo é que as mesmas relatam utilizar outros métodos contraceptivos em suas relações sexuais, mostrando assim a desinformação sobre tal infecção, dando maior importância para uma gravidez não planejada, ficando exposta a infecção ao HIV.

Ainda sobre o fato da não proteção em relações sexuais de jovens mulheres, analisamos citações nas pesquisas Simon²², Antunes²⁰ e Galvão²³ referindo que o não uso de preservativo em relações sexuais ocorre também pelo fato de julgar o parceiro pela conquista, aspecto físico, sentimental e julgando os homens como monogâmicos ou não, pois acreditam que não tem o porquê de se proteger em uma relação sexual afetiva ou com um parceiro monogâmico.

Concordando com Galvão²³, Junior²⁴ confirma que o homem realmente influencia na hora de decidir utilizar ou não o preservativo, pois é este que controla a relação sexual. Muitos optam por não utilizar camisinha, voltando ao assunto de confiança na parceira, ou utilizam camisinha quando desconhecem a parceira. Quando levantada a questão de relação sexual homem com homem, o uso de preservativo, segundo os resultados analisados, diz ser importante, pois as chances de se contrair o HIV são maiores. Este pensamento vem da década de 80, quando a epidemia começou e os mais infectados eram os homossexuais, prostitutas e transfundidos, causando o preconceito nos dias de hoje.

Analisando as formas da prática sexual e o uso de preservativo, Lima²⁶ mostra que o uso de camisinha na prática oral não é realizado pelos jovens, e poucos se protegem na prática anal. Em outra pesquisa, Berquó¹⁹ demonstra que mais da metade dos jovens observados negam utilizar preservativos em ambas as práticas sexuais. Desconhecendo assim a forma de transmissão do vírus por estas vias, mesmo por aqueles já infectados pelo HIV, que continuam suas relações sexuais sem proteção nas maiorias das relações, segundo Magalhães²⁷ mostra em análise.

Silva²⁸ nos apresenta que muitos jovens afirmam ter conhecimento sobre o HIV/AIDS e suas formas de prevenção, porém acreditam que o vírus é transmitido de outras formas além da exposição sexual sem proteção, como por exemplo, transmitido por picada de mosquito ou tomando banho em lagos ou rios, e podem ser prevenidos de outras maneiras, como fazendo uma higiene íntima após a relação sexual desprotegida.

Em relação aos números de casos e à incidência, podemos observar que no início da epidemia nos anos 80, os indivíduos do sexo masculino eram os mais contaminados pelo HIV, principalmente os homossexuais ou os homens que fazem sexo com homens. Nos dias de hoje nas pesquisas sobre o assunto apontam que os homens ainda são os mais infectados, mas numa subdivisão os homossexuais e os homens que fazem sexo com homens não são mais os que ocupam o primeiro lugar no número de infectados, dados analisados por Garcia⁶ e Lazarini²⁹.

Comparando dados encontrados na pesquisa como a de Paulilo²⁵ e Soares³⁰, mostram que este pensamento de que os mais vulneráveis são os homossexuais e prostitutas, estigma cultural da década de 80, ainda são presentes no conhecimento dos jovens, porém boletins epidemiológicos do Ministério da Saúde comprova que os índices estão mudando, as mulheres estão entre as que menos se protegem em relações sexuais e os números de mulheres infectadas pelo HIV são elevados.

Nos dados de Lazarini²⁹ e Galvão²³, os dos números de infectados sofreu uma estabilidade nos anos 2000, porém os indicadores voltaram a crescer nos últimos anos. Esta estabilização no início dos anos 2000 acredita-se que ocorreu por causa da disponibilização do tratamento antirretroviral (TARV), tratamento distribuído de forma gratuita pelo Sistema Único de Saúde (SUS) aos indivíduos infectados pelo HIV, queda da carga viral. No entanto, mesmo com a disponibilização do TARV os casos de infecção voltaram a aumentar, pois mesmo utilizando o tratamento não ocorre a proteção sexual com camisinha.

4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Podemos notar nos dados observado o desconhecimento dos adultos jovens sobre o HIV/AIDS, uma baixa prevenção em relações sexuais e falta de conversa em escolas ou na família. Em todas as pesquisas analisadas observa-se que a maioria dos jovens julgam que não estão expostos a infecção do vírus, não há necessidade de se prevenir em relações fixas ou quando se confia no parceiro(a). As mulheres apresentam-se submissas aos homens por isso são as que menos se protegem em relações sexuais, pois estes conduzem o ato.

A falta de comprometimento com programas de educação sexual nas comunidades e escolas destaca-se como um obstáculo para a falta de conhecimento, como os pesquisados com menos escolaridade e os com uma renda mais baixa são os menos informados, nem todos tem acesso ou interesse em procurar um especialista para saber mais sobre o assunto. Acredita-se que defender a realização programas educacionais, oficinas preventivas em escolas e serviços municipais de saúde, roda de conversa para combater a infecção ao HIV o ano todo e em regiões e mais precisamente nas vulneráveis é a melhor maneira de passar informações corretas aos jovens. Assim como palestras com profissionais qualificados e especialistas nas escolas e comunidades.

5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

1. Prado, F. C.; Ramos, J.; Valle, J. R. **Atualização Terapêutica: HIV**. Rio de Janeiro: Artes Médicas, 2003. Ed. 21°.
2. Abbas, A. K.; Lichtman, A. H.; Pillai, S. H. I. V. **Imunologia celular e molecular**. Rio de Janeiro: Elsevier, 2012. 7 ed.
3. BRASIL. Ministério da Saúde. 2015. Boletim Epidemiológico HIV/AIDS.
4. SESA/PR (Secretaria de Estado da Saúde do Paraná). 2015. Boletim Epidemiológico HIV/AIDS.
5. SMS/CTBA (Secretaria Municipal da Saúde de Curitiba). 2014. Boletim Epidemiológico HIV/AIDS.
6. Garcia, S.; Souza, F. M. Vulnerabilidades ao HIV/aids no Contexto
7. Brasileiro: iniquidades de gênero, raça e geração. *Rev. Saúde Soc.* 2010;19(2):9-20.
8. Maia, C.; Guilhem, D.; Freitas, D. Vulnerabilidade ao HIV/Aids em pessoas heterossexuais casadas ou em união estável. *Rev. Saúde Pública*. Vol.42 n°2. São Paulo 2008.
9. Caetano, M. E.; et al. Sexual behavior and knowledge of sexually transmitted infections among university students in Sao Paulo, Brazil. *International Journal of Gynecology Obstetrics*. São Paulo, 16 de abril de 2010.
10. COOPER, H.M. Scientific guidelines for conducting integrative research reviews. *Review of Educational Research*, 1982; 52(2): 291-302.
11. Melo, H. M. A.; et al. O conhecimento sobre Aids de homens idosos e adultos jovens: um estudo sobre a percepção desta doença. *Ciência & Saúde Coletiva*, 17(1):43-53, 2012
12. Almeida, S. A.; et al. Concepção de jovens sobre o HIV/AIDS e o uso de preservativos nas relações sexuais. *Rev Gaúcha Enferm.* 2014 mar;35(1):39-46. <http://dx.doi.org/10.1590/1983-1447.2014.01.37074>
13. Seidl, E. M. F.; Ribeiro, T. R. A.; Galinkn, A. L. Opiniões de jovens universitários sobre pessoas com HIV/AIDS: um estudo exploratório sobre preconceito. *Psico-USF*, jan./abr. 2010; 15(1):103-112.
14. BRASIL. Departamento de DST, AIDS e Hepatites Virais. Brasília. 2013. Disponível em: <http://www.aids.gov.br/pagina/no-trabalho>. Acesso em 05/2017.
15. Fontes, M. B.; et al. Fatores determinantes de conhecimentos, atitudes e práticas em DST/Aids e hepatites virais, entre jovens de 18 a 29 anos, no Brasil. *Ciência & Saúde Coletiva*, 22(4):1343-1352, 2017
16. Knauth, D.; Machado, P. S. “Corrigir, prevenir, fazer corpo”: a circuncisão masculina como estratégia de prevenção do HIV/AIDS e as intervenções cirúrgicas em crianças intersex. *Sexualidad, Salud y Sociedad - Revista Latinoamericana*. ago. 2013; (14):229-241
17. Villela, W. V.; Doreto, D. T. Sobre a experiência sexual dos jovens. *Cad. Saúde Pública*, Rio de Janeiro, 22(11):2467-2472, nov, 2006.
18. Vieira, E. M.; et al. Alguns aspectos do comportamento sexual e prática de sexo seguro em homens do Município de São Paulo. *Cad. Saúde Pública*, Rio de Janeiro, 16(4):997-1009, out-dez, 2000
19. Edmundo, K.; et al. Vulnerabilidade ao HIV em favela do Rio de Janeiro: impacto de uma intervenção territorial. *Rev Saúde Pública* 2007;41(Supl. 2):127-34

20. Berquó, E.; Barbosa, R. M.; Lima, L. P. Uso do preservativo: tendências entre 1998 e 2005 na população brasileira. *Rev Saúde Pública* 2008;42(Supl 1):34-44
21. Antunes, M. C. et al. Diferenças na prevenção da Aids entre homens e mulheres jovens de escolas públicas em São Paulo, SP. *Rev Saçede Pœblica* 2002;36(4 Supl):88-95
22. Pereira, B. S.; et al. Fatores associados à infecção pelo HIV/AIDS entre adolescentes e adultos jovens matriculados em Centro de Testagem e Aconselhamento no Estado da Bahia, Brasil. *Ciência & Saúde Coletiva*, 19(3):747-758, 2014
23. Simon, C. P.; Silva, R. C.; Paiva, V. Prostituição juvenil feminina e a prevenção da Aids em Ribeirão Preto, SP. *Rev Saçede Pœblica* 2002;36(4 Supl):82-7
24. Galvão, M. T. G.; Machado, J. M. Use of a condom in sex relations by HIV carriers. *Revista da Sociedade Brasileira de Medicina Tropical* mar-abr, 2001;34(2): 181-186,
25. Junior, J. S. M.; Gomes, R.; Nascimento, E. F. Masculinidade hegemônica, vulnerabilidade e prevenção ao HIV/AIDS. *Ciência & Saúde Coletiva*, 2012;17(2):511-520
26. Paulilo, M. A. S.; Jeolas, L. S. Aids, drogas, riscos e significados: uma construção sociocultural. *Ciência & Saúde Coletiva*, 2005;10(1):175-184,
27. Lima, D. J. M.; et al. Comportamentos e práticas sexuais de homens que fazem sexo com homens. *Rev Bras Enferm.* 2014 nov-dez;67(6):886-90
28. Magalhães, J.; Rossi, A. S.; Amaral, E. Uso de Condom Feminino por Mulheres Infectadas pelo HIV. *RBGO* – 2003;25(6)
29. Silva, M. J. G.; Lima, F. S. S.; Hamann, E. M. Uso dos Serviços Públicos de Saúde para DST/ HIV/aids por Comunidades Remanescentes de Quilombos no Brasil. *Saúde Soc. São Paulo*, v.19, supl.2, p.109-120, 2010
30. Lazarini, F. M.; et al. Tendência da epidemia de casos de aids no Sul do Brasil no período de 1986 a 2008. *Rev Saúde Pública* 2012;46(6):960-8
31. Soares, V. Y. R.; et al. Clinical and epidemiological analysis of patients with HIV/AIDS admitted to a reference hospital in the northeast region of Brazil. *Rev. Inst. Med. trop. S. Paulo* 50(6):327-332, November-December, 2008
32. Friedman, R. K.; et al. Pregnancy rates and predictors in women with HIV/AIDS in Rio de Janeiro, Southeastern Brazil. *Rev Saúde Pública* 2011;45(2):373-81
33. Ferreira, M. P. Nível de conhecimento e percepção de risco da população brasileira sobre o HIV/Aids, 1998 e 2005. *Rev Saúde Pública* 2008;42(Supl 1):65-71